

México espera começar 1990 com acordo já fechado com os bancos

por Maria Clara R.M. do Prado
de Washington

O México espera chegar ao dia 1º de janeiro com um acordo fechado e assinado com seus bancos credores. Dentro de três semanas, conforme informou ontem uma alta fonte do governo mexicano, terá início o que no meio financeiro internacional é conhecido como "road-show" — o processo de coleta de assinaturas de adesão entre os bancos — e apesar de os termos negociados com o comitê assessor da dívida mexicana preverem uma flexibilidade no nível de adesão necessária para a implementação do acordo, as autoridades do país querem garantir que o maior número possível de credores faça sua adesão ao programa.

"Não vamos fechar o acordo antes de ter um número bem considerável de adesões", adiantou ontem a mesma fonte. Os termos negociados indicam que em uma primeira rodada o nível de adesão deve ser de no mínimo 85% do valor dos créditos envolvidos, mas se por acaso o volume de adesões não ultrapassar 50% a regra pode ser modificada para adaptá-la às circunstâncias.

Ao México, de fato, interessa ter um número substancial de adesões a um programa que oferece três opções aos credores — a redução do principal da dívida, a redução do juro da dívida ou o ingresso de dinheiro novo — que estão estreitamente interligadas entre si, principalmente a alternativa do dinheiro novo. Com ele, o México espera poder oferecer as garantias necessárias à constituição do fundo que vai dar suporte aos credores no sentido de que os compromissos externos serão honrados. Apenas um banco alemão, até agora, mostrou-se interessado pela opção do dinheiro novo, mas o plano foi montado de tal maneira que 80% dos créditos sejam abatidos — com a substituição dos títulos antigos por bônus cujo

valor de face terá desconto de 35%, com juros flutuantes, ou por bônus com valor de face ao par, mas com juro fixo de 6,25% ao ano — e 20% sejam refinanciados com o ingresso de "dinheiro novo".

"Queremos um esquema voluntário que contribua para a redução da dívida, mas de modo que não seja cancelada a possibilidade de termos dinheiro novo", observou a mesma fonte, para quem o recente movimento de bancos norte-americanos no sentido de aumentar provisões em reserva para a cobertura de dívida de países latino-americanos não significa um risco para o acordo mexicano.

O México, desde que os termos básicos do acordo foram anunciados, passa por um processo interno de reversão de expectativas que está trazendo de volta ao país o dinheiro que fugiu para ativos no exterior e já tem propostas em fila, esperando a aprovação por parte do Ministério do Comércio, cerca de US\$ 2 bilhões de novos investimentos estrangeiros de risco. O retorno do capital mexicano e estrangeiro que deixou o país nos últimos anos em função das incertezas econômicas está estimado até agosto em torno de US\$ 2,3 bilhões, mas o estoque de recursos que ainda se encontra fora do país ainda é substancialmente elevado. As estimativas do governo são de que cerca de US\$ 47 bilhões representou a fuga de capitais do México.

Os recursos estão voltando de fora para a economia mexicana também em função da queda observada nas taxas de juro internas, um efeito que ocorreu imediatamente após a divulgação dos termos da negociação externa. A taxa de juro anual caiu 20 pontos percentuais, do nível de 57 para 34% ao ano e trouxe para o tesouro mexicano um alívio calculado em 6% do PIB nos gastos com o serviço da dívida pública interna.